

UMA GRANDE CONTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO PARA O CONTROLE DE INUNDAÇÕES

**Por Verônica Bernardes Fontes Soares de Souza
(Mestra em Engenharia Civil com Ênfase em Drenagem Urbana pelo CEFET-MG)**

No dia 04 de setembro de 2015, entrevistei a especialista em Psicologia Social, Solange Fonseca de Araújo. Ela é prestadora de serviço para a Prefeitura de Belo Horizonte (Capital do Estado de Minas Gerais – Brasil), na função de Coordenadora Técnica Social em Drenagem. Solange coordena os NAC's, que são "Núcleos de Alerta de Chuva", criados pela iniciativa da Prefeitura da cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais – Brasil) em 2009. A equipe conta hoje com duas pessoas, a coordenadora Solange e um psicólogo. Incentivo todos lerem esta entrevista, que mostrará grandes contribuições da população para a comunidade acadêmica e operacional!

Verônica: O que motivou o início do trabalho com os NAC's?

Solange: Houve um grande evento de cheia no final de 2008 para 2009, onde ocorreu uma chuva muito intensa em um pequeno espaço de tempo na cidade de Belo Horizonte (Estado de Minas Gerais – Brasil). Isso gerou uma inundação, o que causou graves e sérios efeitos, como perda de bens e de vidas. A Prefeitura e a população foram pegas de surpresa. Eles ainda não tinham vivenciado uma situação tão crítica como esta. Assim foi que surgiu a necessidade do poder público de se preparar para a ocorrência de situações tão severas como esta. Dessa forma, procurou-se conhecer onde a população está mais vulnerável e como ela pode se tornar menos vulnerável com possíveis eventos de chuva.

V: Como começou, então, a dinâmica com os NAC's?

S: Fui convidada para montar uma metodologia para o desenvolvimento dos NAC's. Eu sempre trabalho com a idéia de que é necessário conhecer o público para assim desenvolver uma metodologia aplicável a eles. Logo, a formatação desses Núcleos foi e é bem dinâmica. Não há uma formatação rígida. Deve-se ter uma escuta e olhar bem atentos para desenvolver atividades que vão realmente promover algum benefício para a população. A população precisa participar desta construção. A dimensão pública e privada não deve estar segmentada, mas atuando juntas.

V: Quais foram as primeiras ações realizadas pelos NAC's?

S: Primeiramente, fizemos um levantamento das áreas de risco na cidade, onde as comunidades se encontram mais vulneráveis, a partir de estudos já realizados pela Prefeitura de Belo Horizonte, como a Carta de Inundações e estudos do Plano Diretor de Drenagem. Também fomos aos diversos órgãos públicos colher informações, como por exemplo, a Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros. Depois disso, selecionamos alguns pontos e chamamos os moradores daquelas áreas para participar de uma assembléia local. Nessas assembléias nós nos apresentamos enquanto poder público buscando promover um diálogo contínuo com aquela população e criar uma rotina para essa comunicação.

Foi interessante esse primeiro contato, pois percebemos que as comunidades estavam se sentindo desamparadas e amedrontadas com a situação crítica vivenciada por elas na noite de 2008 para 2009. As pessoas foram convidadas a participar como representantes daquela comunidade e como voluntários. Todas as comunidades que fomos tiveram adesão. Esses voluntários se cadastraram e então começamos a repassar os alertas de chuva para que eles pudessem se precaver e preparar para um possível evento de inundação.

Além da assembléia, visitamos cada uma das áreas e os representantes locais nos mostraram como funciona a dinâmica do local: como a água chega, até onde a água sobe, entre outros aspectos. Nesses 6 anos de trabalho, percebemos que as informações são muito dinâmicas, e a gente busca que esses dados coletados sejam apropriados pelo poder público para que eles possam interferir de forma positiva nessa realidade, seja fisicamente (eg., medidas estruturais) ou através de medidas não estruturais, como forma de educar a população.

V: Quais os principais auxílios dos voluntários aos NAC's?

S: Eles têm diversas funções como, conhecer a área, conhecer as pessoas que vivem naquela comunidade, saber como se prevenir a uma possível inundação, além de que eles recebem os alertas de chuva e então devem disseminar essa informação para toda a comunidade em que vivem. Eles, por exemplo, ajudam os vizinhos, identificam quais os vizinhos estão mais vulneráveis, se tem uma dificuldade de locomoção, alguma doença. Eles também recebem treinamentos de socorro, como lançamento de cordas, para retirar alguém da correnteza, e primeiros socorros. Para esses representantes, não é um trabalho obrigatório, é um trabalho voluntário, de apoio à Prefeitura.

V: No geral, depois de um NAC formado, como funciona a dinâmica de trabalho nas épocas de chuva?

S: A equipe de gerencia recebe a previsão de chuvas e repassa a previsão para os voluntários via SMS. Se o volume de chuva for grande, os voluntários avisam e mobilizam a população daquela área. Caso tenha uma inundação e se for preciso socorro, o voluntário aciona a Defesa Civil e o Corpo de Bombeiros. Hoje a Defesa Civil já disponibiliza linhas exclusivas para os NAC's. É um trabalho contínuo. Além desse sistema de alerta, os NAC's trabalham com freqüentes vistorias as áreas e reuniões em épocas de chuva na tentativa de maior eficácia do Núcleo.

V: Existe um “Mapa da Mancha Falada” que vocês utilizam nos NAC's. Que instrumento é esse?

S: O “Mapa da Mancha Falada” foi desenhado pela população local com a participação da equipe de gerência. No mapa da área são marcados os registros históricos que eles conhecem das inundações, os limites de onde a água chegou, etc.. Dentro desta Mancha, eles pontuaram a área onde a inundação é maior (ponto crítico), localizaram onde cada um reside para saber quais vizinhos eles terão que avisar com mais frequencia, identificam as saídas de emergência, entre outros pontos que eles acham relevantes.

V: Quais os resultados até o momento?

S: Os órgãos públicos que estão associados ao controle das inundações tiveram um retorno positivo com o repasse de uma gama de informações qualificadas para eles. Por exemplo, hoje, a Carta de Inundações da cidade de Belo Horizonte foi readaptada com informações do Mapa da Mancha Falada. Dessa forma, essas mudanças trouxeram benefícios estruturais e não-estruturais para as regiões de Belo Horizonte onde há atuação dos Núcleos. Os NAC's fazem parte do mapa social da cidade. Eles sempre são convidados para participar de fóruns coletivos. Além disso, as agências de socorro, como o Corpo de Bombeiros, utilizam o “Mapa da Mancha Falada” para seus planos de contingência. São muitos resultados positivos, além da população estar agora mais preparada para os eventos de cheia.

V: E quais são hoje os principais desafios?

S: Acredito que um desafio grande é promover um maior grau de mobilização e participação das comunidades, através de um maior contato destas com os órgãos públicos e criando campanhas de motivação. Outro desafio é o trabalho com previsão de chuva. O voluntário recebe uma previsão e muitas vezes repassa esse aviso para a comunidade, que se mobiliza com todas as orientações que foram passadas, como subir os móveis, tirar o carro da rua ou da garagem, levar crianças para pontos mais altos, mas a chuva não ocorre. Isso ocorrendo várias vezes faz com que a população desconsidere e até banalize aquela informação, podendo ser pega de surpresa em um evento ocorrido. Assim, muitas vezes os vizinhos ficam desacreditados com os voluntários. Para isso não ocorrer, a equipe sempre busca maneiras para motivar e reforçar a importância da atuação destes voluntários na comunidade. Outro grande desafio é promover a relação entre o saber comunitário e o saber técnico; os especialistas adotarem informações ou expectativas da sociedade. Sempre há conflitos e dificuldade de entendimento. Promover essa relação sempre é um grande desafio.

V: Agradecemos sua disposição na participação na entrevista! Fique a disposição para deixar um recado final para todos os visitantes do Blog.

S: Fico muito feliz em estar dialogando sobre tudo isso. Considero uma alegria e vejo isso de uma forma bem positiva. Agradeço a oportunidade de compartilhar sobre essas conquistas e desafios.

Meu recado final é em relação ao que eu percebo quando trabalhamos, no sentido de construção, onde há o envolvimento de muitas realidades distintas. A gente deve considerar que cada realidade é única e por mais especialistas que somos, nós não conhecemos tudo. Então, o outro sempre tem o que contribuir com nosso saber. O respeito ao outro é fundamental para desenvolver qualquer trabalho.

Essa entrevista foi publicada em inglês no blog do HEPEx: www.hepex.org